

Escuta e amizade: binômio necessário para relações humanas

*Listening and friendship: a binomial
necessary for human relationships*

ADEMILSON TADEU QUIRINO*

Resumo: O presente artigo busca compreender o binômio escuta e amizade no contexto integral e integrador da pessoa humana, tendo como base a fraternidade universal e a amizade social. Levando-se em conta que hoje as redes sociais estabelecem uma nova modalidade de relações sociais e de amizade, cada vez mais fluentes e pouco duradouras, efêmeras, líquidas e fluidas, o objetivo aqui é despertar o leitor para uma reflexão mais apurada sobre a necessidade de educar a própria escuta, a fim de viver, de forma consciente e saudável, relações mais sólidas e duradouras.

Palavras-chave: Escuta. Amizade social. Fraternidade universal. Amor ao próximo.

Abstract: This article seeks to understand the binomial of listening and friendship in the integral and integrative context of the human person, based on universal fraternity and social friendship. Taking into account that today social networks establish a new type of social and friendship relationships, increasingly fluent and short-lived, ephemeral, liquid and fluid, the objective here is to awaken the reader to a more in-depth reflection on the need to educate one's own listening, in order to live, in a conscious and healthy way, more solid and lasting relationships.

Keywords: Listening. Social friendship. Universal fraternity. Love of neighbor.

* Ademilson Tadeu Quirino é doutor em Teologia pela PUC-Rio. E-mail: peatquirino@gmail.com

Introdução

O tema, “escuta e amizade: binômio necessário para relações humanas” que iremos abordar nesta pesquisa está em profunda sintonia com a temática da Campanha da Fraternidade 2024 e a Carta Encíclica do Papa Francisco *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. É quase impossível falar de amizade sem falar de escuta ou vice-versa. Esse binômio é extremamente necessário para as relações entre os seres humanos atualmente. Nesse sentido, vamos primeiramente abordar a importância do binômio escuta e amizade para depois abordar o processo de escuta da pessoa humana. Essa fundamentação ajudará a entender por que o binômio escuta e amizade é tão forte e tão importante para as relações humanas. Só assim poderemos falar de fraternidade universal e amizade social.

1 O binômio escuta e amizade

A escuta hoje é imprescindível para a fraternidade no convívio humano. Desde cedo somos instigados a falar, e não a escutar. Essa lacuna tem trazido sérios prejuízos à pessoa humana, pois todos carecemos desse aprendizado para conhecer a nós mesmos e os outros a nossa volta. Nesse sentido, a amizade entre os seres humanos só será fecunda, duradoura e frutuosa se partir da escuta. Sem uma cultura da escuta será quase impossível falar de amizade e fraternidade universais, uma vez que tais conceitos são praticamente inseparáveis.

Como já acenamos, escuta e amizade são fundamentais às relações humanas, seja na dimensão pessoal, seja na dimensão interpessoal, pois a ligação com o eu interior, com o outro, com o cosmos e com Deus só é possível por meio dessas ações integrais e integradoras, em que o corpo e todos os sentidos participam do processo. Quando a pessoa escuta de forma integrada, a conexão se dá pela empatia. Com uma escuta empática, o ser humano fortalece vínculos, promove encontros e derruba obstáculos, tornando o convívio mais leve e comprometido, sem contar que fortalece a amizade consigo mesmo e com o próximo. Assim, a acolhida de si e do outro pressupõe primeiramente a escuta, o que alimenta e fortalece a amizade.

O Papa Francisco (2019) afirma que a acolhida humana é, acima de tudo, uma teologia da escuta, que se abre ao encontro e ao diálogo com as diversas religiões, culturas e etnias, em uma realidade multicultural e pluricultural das relações. Contudo, segundo ele, isso só é possível a partir de uma hermenêutica teológica, que pressuponha e comporte a escuta consciente da pessoa humana.

Nesse contexto, assim como a escuta é fundamental para nós hoje, ela sempre foi essencial, principalmente a quem professa a fé em um único Deus. Prova disso é que no Antigo Testamento a palavra *Shemá* (“escuta”, em hebraico) aparece 1.191 vezes, enquanto no Novo Testamento a palavra *akouo* (“escuta”, em grego), com suas variantes, é citada 430 vezes. Contudo, o verbo “escutar” na Bíblia é empregado como imperativo, a fim de sinalizar que, para Israel, escutar é uma ordem, não simplesmente um convite. Assim, é imperativo que Israel escute (QUIRINO, 2022, p. 70).

O *Shemá Israel* [“Escuta, Israel!”] (Dt 6,4) sempre foi de suma importância para o povo da Bíblia, judeus e cristãos, porque nele se encontra o primeiro e mais importante mandamento da Lei mosaica. Sendo assim, vale destacar que o *Shemá*, seguido do vocativo “Israel”, em vez de convite, passa a ter o sentido de chamado. Israel é convocado a compreender que o “Senhor é uno” (Dt 6,4b) e que se deve amar o Senhor com todo o coração, alma e força (Dt 6,5ss) (LOPEZ, 1992, p. 28).

Êxodo 3,1-12 ajuda-nos a compreender que Deus é o “Escutador” por excelência. Ele tem a primazia da escuta: vê a humilhação do povo, escuta o seu grito, conhece o seu sofrimento e desce para libertá-lo (Ex 3,7-8). Deus toma iniciativa ao escutar o grito do povo implorando por socorro (Ex 2,24; 3,7; 22,22-26). O grito causa esperança, pois foi o grito escutado por Deus que deu origem ao êxodo (FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 16).

A escuta (*akouo*) apresentada por Jesus no Novo Testamento sempre parte de um imperativo, de uma convocação que Deus fez a todo o povo: “Escuta, Israel!”. Para Jesus, não basta saber que Deus é único e que deve ser amado com todo coração, com toda alma, com toda força (posses) e com todo entendimento, mas também que se deve amar ao próximo como a si mesmo. Para Jesus, conhecer a Lei do *Shemá* implica amar o próximo de forma justa, o que exige integridade, doação, entrega, confiança e seguimento ao que Ele ensinou. Por isso, para entrar na vida eterna, Jesus exige desapegar-se dos bens deste mundo (Mc 10,17-21). Isso nos leva a compreender que o amor vale mais que qualquer sacrifício e holocausto (Mc 12,34). Escutar, então, é colocar em prática o amor a Deus e ao próximo, fazendo o que Jesus fez e seguindo-o até as últimas consequências.

Sabendo da importância do binômio escuta e amizade, principalmente na relação de Deus com o ser humano e da pessoa humana com Deus, cabe-nos interrogar como acontece na prática o processo da escuta humana e como ela é importante para as relações pessoais e interpessoais em nossos tempos, permeados por diversas formas de ruídos.

1.1 O processo de escuta da pessoa humana

A reflexão sobre a escuta humana, de início, leva-nos a pensar na estrutura anatômica dos ouvidos humanos. Eles são responsáveis por captar os sons, analisar e organizar as informações acústicas do ambiente. A fisiologia dos ouvidos permite à pessoa humana prestar atenção, detectar, discriminar e localizar os sons, além de memorizar e integrar experiências auditivas, para atingir o reconhecimento e a compreensão da fala. Tereza Zaratín (2010, p. 18) afirma que “os sons sempre exerceram um fascínio irresistível sobre os homens”.

A sensorialidade dos ouvidos humanos é importantíssima para a codificação e decodificação dos sons, para transformá-los em palavra falada. Na visão de Álvaro Márquez-Fernández (2014, p. 61), a palavra nunca é única, absoluta ou abstrata, ainda que, às vezes, no silêncio pareça ausente. Ela sempre é um sulco que se abre para a vida do sentido. Aprender a escutar é aprender a viver “de” e “com” a(s) palavra(s), que é a que nos fala com todas as razões dos sentidos.

Edda Simões e Claus Tiedemann afirmam que muitos objetos podem ser identificados mediante o sistema auditivo. O cérebro extrai informações sobre a localização da fonte sonora no espaço, por meio dos órgãos sensoriais da visão e da audição, que captam as informações simétricas localizadas na cabeça. Quando olhamos uma pessoa que está falando, a discrepância de ver com os olhos e ouvir com os ouvidos é mínima. E a intensidade do som fornece a informação sobre a distância que se encontra uma fonte sonora conhecida. Assim, a audição é um aspecto da complexa percepção espacial do ser humano (SIMÕES; TIEDEMANN, 1985, p. 98-99). Nesse sentido, pensar a escuta humana enquanto corpo integrado é importante para a compreensão dela.

Ambrósio de Milão assinala que a audição humana exerce uma função tão importante que quase se iguala à visão. As orelhas são salientes para captar a voz repercutida em suas cavidades internas, sem perturbação. Se fosse o contrário, segundo o autor, ficaríamos atordoados ou até ensurdecidos com qualquer som de voz mais forte. A sinuosidade interna das orelhas, de certo modo, é responsável pela disciplina musical, pois, por meio da curvatura das orelhas, é produzido certo ritmo e o som da voz é transformado em melodias (AMBRÓSIO, 2009, p. 270-271).

Já Hugo Aldersey-Williams, citando P. Nogier (1950), afirma que a orelha externa se assemelha a um feto humano enrodilhado. Segundo ele, na medicina alternativa (auriculoterapia), encontra-se na orelha externa o mapeamento do corpo do ser humano, com a estimulação de pontos diferentes

para tratar perturbações em partes correspondentes do corpo (ALDERSEY-WILLIAMS, 2016, p. 207).

A pessoa humana, quando emite sons, abre-se para a sonoridade do mundo, e para identificar o som é necessário permanecer à escuta. David Le Breton (2016, p. 129-130) diz que o pensamento encontra sua maior forma de expressão no som, isto é, na palavra. O ouvido é o sentido unificador do vínculo social, pois, enquanto ouve a voz humana, recolhe a palavra do outro. Ele é o depositário da linguagem. Ser escutado significa ser compreendido.

Os nossos afetos, sexualidade, sentimentos e emoções estão associados aos sons que ouvimos. Quando filtrarmos esses sons, privilegiamos uns e descartamos outros. O sentido da audição é o da interioridade, trazendo o mundo para o centro do indivíduo. A pessoa que desenvolve a capacidade da escuta, mesmo vivendo em ambientes profundamente ruidosos, não se desconecta daquilo que é essencial no mundo. A matéria da linguagem é o som, e a voz é um acompanhamento incansável da existência humana, que garante sua inserção na sociedade. Como sustenta Wulf (2002, p. 457), “a audição é um sentido eminentemente social”.

Portanto, compreender a importância do mecanismo do ouvido humano nos ajuda a conceituar a diferença entre o “ouvir” e o “escutar”. Do ponto de vista de Rodriguez (2010, p. 15), “o ouvir está mais ligado às orelhas e o escutar está ligado à mente humana, com seus afetos e com tudo que a pessoa é em sua profundidade”. Já Cerqueira assevera que existe uma diferença relevante entre o ouvir e o escutar. Segundo a autora, ouvir está relacionado aos sentidos: audição, tato, paladar, visão e olfato, e restringe-se ao que é dito, à simples audição do que é falado. Enquanto o ato de escutar, por sua vez, exige percepção, sensibilidade de compreensão para aquilo que fica no íntimo de cada pessoa. Nesse sentido, o “ouvir” se refere à captação dos sons e a “escuta” diz respeito à captação das sensações do outro, realizando a integração ouvir-ver-sentir (CERQUEIRA, 2011, p. 17).

Podemos dizer, então, que o ouvir humano está ligado à percepção dos sons, enquanto a escuta, à compreensão daquilo que se ouve. Aliás, prestar atenção ao que está sendo dito, perceber, sentir as palavras, memorizar o assunto, acolher, dialogar, estabelecer conexões, gerar empatia etc., estão intimamente ligados à escuta. Isso porque a escuta auxilia a pessoa a tomar consciência daquilo que ela está ouvindo. Portanto, ouvir é perceber a voz e escutar é estar consciente do que se ouve, compreender. Quando compreendemos o que significa ouvir e escutar, torna-se mais clara a importância da escuta humana para as relações pessoais e interpessoais (QUIRINO, 2022, p. 34).

Assim, para a pessoa humana escutar demanda: silêncio interior e exterior, obediência dos ouvidos, acolhimento de si e dos outros a sua volta, atenção, conexão, empatia etc. Para tanto, exige-se aprendizado de cada um. É necessário educar cada dia a capacidade de escuta, porque o ato de escutar não é uma ação passiva, mas ativa, interativa, processual. Por isso, podemos falar que a escuta é também afetiva, pois, aquele que se coloca em uma atitude de escuta, estabelece vínculos afetivos e amizade com seu interlocutor.

Contudo, é urgente aprender a escutar. Rubem Alves certa vez escreveu que via muitos anúncios de curso de oratória, nos quais todos querem aprender a falar, mas nunca tinha encontrado nenhum anúncio sobre curso de “escutatória”. Ele até pensou em oferecer um curso sobre isso, mas desistiu, pois imaginou que não iria encontrar quem se interessasse. Segundo ele, as pessoas querem aprender a falar, mas não se interessam por aprender a escutar. Nossa incapacidade de escutar é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade (ALVES, 2011, p. 65.67).

Bento XVI (2012, p. 7-9), refletindo sobre “silêncio e a Palavra”, escreveu que atualmente as redes sociais vão-se tornando o lugar das perguntas e respostas. Somos bombardeados por respostas a questões que não propusemos e pela oferta de coisas de que não precisamos. Segundo ele, urge educar-se ao aprendizado da escuta, da contemplação, para além do falar, educando-se em comunicação.

No mesmo contexto, Baitello Junior lembra que na cultura do ouvir, considerando as características físicas do som, a recepção se dá não apenas via tímpano, mas por todo o corpo. Para ele, a audição humana é uma operação corporal, e não apenas pontual. Som é vibração, e a vibração opera sobre a pele (corpo), a voz soa como massagem, uma estimulação tátil, uma sutil forma de toque. Salienta também “a necessidade de uma nova cultura do ouvir e de um novo desenvolvimento da percepção humana para relações e nexos mais profundos, para os sentidos e para o sentir” (JUNIOR, 2014, p. 142-146).

Castellazzi (2011, p. 44), por sua vez, mostra que a pessoa que se educa para a escuta abre a porta de sua casa interior para o outro se hospedar, estabelecendo com ele vínculos profundos de intimidade e encontro. Nesse sentido, a metáfora do útero materno nos ajuda a compreender que escutar o outro é oferecer um útero psicológico, capaz de ajudá-lo a sair da prisão de seus conceitos e ideias negativas. A pessoa, quando se sente acolhida e amada pelo outro, encontra força para expressar suas emoções.

Assim, escutar o outro significa amá-lo com bondade, ternura e compaixão. A colhida e a valorização da pessoa humana a encorajam a expor

suas dores e sofrimentos com mais tranquilidade. Os interlocutores se sentem parte um do outro e encontram coragem para enfrentar os desafios do dia a dia (ROGERS, 2012, p. 118-122).

Há que ressaltar ainda que no processo de escuta entram em jogo outras características importantes para a relação humana: as paralinguísticas e as extralinguísticas (a voz, a tonalidade, os estados de ânimo e a comunicação não verbal). Essas características também ajudam no reconhecimento e na transmissão de significados para além das palavras, em uma relação de escuta (ANNOLI, 2002, p. 210-211).

Portanto, depois de aprofundar a importância da escuta humana, passando pela anatomia dos ouvidos até chegar a necessidade de aprender a escutar para bem viver em comunidade, agora será essencial destacar a escuta e a amizade nas relações humanas. E a grande questão talvez seja a seguinte: é possível uma relação de amizade sem a escuta do outro?

2 Escuta e amizade nas relações humanas

A escuta e a amizade estão intimamente entrelaçadas. Uma está ligada à outra. Como já dissermos acima, sobre a importância da escuta, agora vamos focar nossa atenção no “binômio escuta e amizade”, pois sabemos que nenhuma amizade surge do nada. Ela inicia-se muitas vezes a partir de um diálogo superficial, com perguntas que despertam proximidade e conhecimento de ambos; por exemplo: “De onde você é? O que faz?” etc.

A amizade, tema da Campanha da Fraternidade de 2024, consiste em um sentimento de estima imutável entre os seres humanos, um fenômeno universal, dom de Deus, o qual nasce naturalmente e se alarga ao universo do outro. É um *link* humanizador e renovador nas relações fraternas, permitindo à pessoa existir e viver com responsabilidade e comprometimento, transformando a própria vida e a do outro (CNBB, 2023, n. 6).

Bento XVI, na mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais, declarou que o conceito de amizade adquiriu um novo sentido nas redes digitais nos últimos anos, as quais também desenvolveram um modo novo de se relacionar. Por isso, ele pontua a importância de uma interação social real para um sadio desenvolvimento humano:

O conceito de *amizade* logrou um renovado lançamento no vocabulário das redes sociais digitais que surgiram nos últimos anos. Esse conceito é uma das conquistas mais nobres da cultura humana. Nas nossas amizades e através delas crescemos e desenvolvemo-nos como seres humanos. Por

isso mesmo, desde sempre a verdadeira amizade foi considerada uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano. Por este motivo, é preciso prestar atenção a não banalizar o conceito e a experiência da amizade. Seria triste se o nosso desejo de sustentar e desenvolver *on-line* as amizades fosse realizado à custa da nossa disponibilidade para a família, para os vizinhos e para aqueles que encontramos na realidade do dia a dia, no lugar de trabalho, na escola, nos tempos livres. De fato, quando o desejo de ligação virtual se torna obsessivo, a consequência é que a pessoa se isola, interrompendo a interação social real. Isso acaba por perturbar também as formas de repouso, de silêncio e de reflexão necessárias para um são desenvolvimento humano (BENTO XVI, 2009).

Ainda segundo Bento XVI, a amizade é primordial para o ser humano, tendo um valor inestimável, mas esvaziaria esse valor se fosse considerada um fim em si mesma. Ele salienta que as pessoas devem sustentar e encorajar suas amizades reciprocamente na multiplicação de seus dons e talentos, colocando-os a serviço do desenvolvimento da comunidade humana. Dessa forma, é gratificante o aparecimento de novas redes digitais que procuram promover a solidariedade humana, a paz e a justiça, os direitos humanos e o respeito pela vida e o bem da criação. O contrário seria um grave dano à humanidade (BENTO XVI, 2009).

No mesmo sentido orienta o Papa Francisco, na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* (CV), quando estabelece que a amizade é um presente da vida e um dom de Deus; e que, por meio dos amigos, o Senhor purifica-nos e nos faz amadurecer. De acordo com o Papa, os amigos fiéis, que permanecem ao nosso lado nos momentos difíceis, são um reflexo do carinho do Senhor, da sua consolação e da sua amorosa presença; e também que os amigos nos ensinam a compreender, a cuidar dos outros, a sair da nossa comodidade e isolamento, a partilhar a vida. A amizade é uma relação estável, firme, fiel, que amadurece com o passar do tempo. É cheia de afeto, de amor generoso que nos leva a querer o bem do amigo. Mesmo os amigos sendo bem diferentes entre si, eles sempre têm algumas coisas em comum que os fazem próximos, e há uma intimidade que se partilha com sinceridade e confiança (CV, 151-152).

A experiência de uma amizade fecunda é suporte nos momentos tenebrosos da vida. Nos momentos de desespero, são os amigos o porto seguro. A dor muitas vezes é amenizada pela presença daqueles amigos que sempre estão juntos nos momentos inesperados da vida. São eles a presença do Deus vivo na nossa existência. Como podemos ler no livro de Eclesiástico:

Amigo fiel é poderoso refúgio, quem o descobriu, descobriu um tesouro. Amigo fiel não tem preço, é imponderável o seu valor. Amigo fiel é balsamo vital e os que temem o Senhor o encontrarão. Aquele que teme o Senhor regra bem suas amizades, pois tal como ele é, assim é seu amigo (Eclo 6,14-17).

Olhando para o texto da Sagrada Escritura, podemos perceber que a amizade verdadeira é um tesouro que não tem preço. Qualquer valor seria irrisório perante sua preciosidade, pois é a amizade que nos faz enfrentar os desafios, com a confiança de que não estamos sozinhos na vida. Aliás, são os amigos que nos ajudam a abrir os olhos e a enxergar aquilo que ainda não conseguimos ver.

Desde criança, fomos educados a partilhar com os amigos os brinquedos e os presentes mais bonitos. À medida que vamos crescendo, confidenciamos a eles os primeiros segredos, ofertamos lealdade, compartilhamos satisfações e preocupações; e, quando chegamos a uma idade avançada, partilhamos as recordações, as considerações e os silêncios de dias longos. A Palavra de Deus, no Livro dos Provérbios, nos ensina que o “óleo e perfume alegram o coração, e a doçura do amigo é melhor que o próprio conselho” (Pr 27,9).

O Papa Francisco, na oração da *Regina Coeli*, no dia 5 de maio de 2024, falou sobre a importância da amizade, ressaltando que

a amizade não é o resultado de um cálculo nem de uma obrigação: ela surge espontaneamente quando reconhecemos no outro algo de nós próprios. E, se for verdadeira, a amizade é tão forte que não esmorece nem sequer perante a traição. “Um amigo ama sempre” (Pr 17,17) – diz ainda o Livro dos Provérbios –, como nos mostra Jesus quando diz a Judas, que o trai com um beijo: “Amigo, é por isso que estás aqui!” (Mt 26,50). Um verdadeiro amigo não te abandona, nem sequer quando cometes um erro: corrige-te, talvez te repreenda, mas perdoo-te e não te abandona (FRANCISCO, 2024).

A amizade nasce de uma escuta ativa e afetiva nas relações humanas. Ela é essencial para o processo de interação, para o estreitamento de laços. A escuta ativa demanda atenção da pessoa que se prontifica a interagir com o próximo. Essa interação deve ser recíproca, tanto do escutador quanto do escutado. A escuta humana envolve sentimentos e emoções verbais e não verbais no contexto em que a mensagem é proferida (FACHADA, 1991, p. 223). É um processo de interação tal que a pessoa escutada se sente acolhida pela atenção daquele que se predispôs a escutá-la. Em uma relação de amizade, escuta ativa e afetiva estimula a pessoa a escutar mais o outro, pois provoca emoção, facilita o entendimento, ameniza conflitos, gera reciprocidade, vínculos e comprometimento.

Portanto, a amizade é uma estrutura vital e primordial à reorganização sociopolítica de uma comunidade humana, e como tessitura social possibilita o fortalecimento de uma comunidade. Assim sendo, impele as pessoas a serem virtuosas e a imitar aquele Sumo Bem, que, por meio do *eros*, é entendido aqui no sentido positivo do termo, como força que vai em busca de algo importante para o ser humano (AVIZ, 2017, p. 26).

Entender a importância da amizade nas relações humanas a partir da escuta é primordial para a reflexão sobre a amizade social. Se escutar é uma convocação para uma relação íntima com o Criador, o que dizer da escuta humana em relação à fraternidade universal e à amizade social?

3 Escuta e amizade social

O binômio escuta e amizade contribui para a compreensão da fraternidade universal e ao mesmo tempo nos coloca na esteira do pensamento do Papa Francisco, indicado na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FT), sobre a fraternidade e a amizade social. Esse projeto de fraternidade, como recordou a Campanha da Fraternidade de 2024, está fundamentado na amizade social e no amor político, e tem como fundamento o diálogo, tão necessário à cultura do encontro (CNBB, 2023, n. 15).

Para o Papa Francisco, a amizade social é “um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço [...], uma fraternidade aberta que permite reconhecer, valorizar e amar todos as pessoas, independentemente da proximidade física” (FT, 1). O Papa salienta também que a amizade social é um amor que deseja abraçar a todos (FT, 3); comunicar o amor de Deus com a vida, sem impor doutrinas por meio de uma guerra dialética (FT, 4); viver de forma livre o amor que se estende para além-fronteiras (FT, 99), para todo ser vivo (FT, 59). A amizade social tira a pessoa do isolamento, lança pontes, constrói grandes famílias onde todos possam se sentir em casa; é um amor-compaixão, encharcado de dignidade (FT, 62). Ela alarga o círculo de convívio social (FT, 96) e implica ações benéficas, somando forças com quem pensa diferente (FT, 97). O amor nos impele a fazer o bem ao próximo, seja quem for, e a amizade social não exclui ninguém, é uma fraternidade aberta a todos (FT, 94). Ainda segundo o Papa Francisco, diálogo e amizade social significam:

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isso se resume no verbo “dialogar”. Para nos encontrarmos e ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas,

que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não é noticiado como as desavenças e os conflitos; e, contudo, de forma discreta, mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor (FT, 198).

Nesse sentido, o Papa Francisco convoca-nos a uma reflexão, sobretudo quando se refere aos últimos da sociedade, afirmando que a promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distanciados, a partir de um período conflituoso da história, mas também a busca de um renovado encontro com os setores mais pobres e vulneráveis. A paz, segundo ele, não é ausência de guerra, mas o empenho incansável dos que ocupam cargos de maior responsabilidade no sentido de reconhecer, garantir e reconstruir concretamente a dignidade, tantas vezes esquecida ou ignorada, de todos os irmãos, para que possam sentir-se os principais protagonistas do destino da própria nação (FT, 233). Entender a complexidade da fraternidade universal e da amizade social é um verdadeiro convite à conversão pessoal e comunitária nesse contexto do binômio escuta e amizade.

Considerações finais

Sem a pretensão de esgotar o assunto aqui abordado, mas apenas para apontar alguns caminhos a fim de continuar a reflexão, a nossa pesquisa procurou trazer acenos a uma cultura da escuta e do encontro, consigo próprio, com o outro, com o cosmos e com Deus. Acenos esses que nos interrogam, nos questionam e nos põem diante de nós mesmos na relação com o próximo. A amizade social, nesse sentido, é algo nato nos seres humanos, porém poderá se tornar melhor quando aprendermos a nos escutar e a escutar os outros de modo universal. E a linguagem da escuta no contexto da fraternidade universal é o amor entre os seres humanos que habitam esta casa comum.

Referências

- ALDERSEY-WILLIAMS, H. *Anatomias: uma história cultural do corpo humano*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- ALVES, R. *O amor que acende a lua*. Campinas: Papiros, 2011.
- AMBRÓSIO. *Examerão: os seis dias da criação*. São Paulo: Paulus, 2009.
- ANNOLI, L. *Psicologia della comunicazione*. Bologna: Il Mulino, 2002.

AVIZ, D. A. *Uma alma em dois corpos: a amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43,14-24 de São Gregório Nazianzeno*. Rio de Janeiro, 2017. 129 p. Tese (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

BENTO XVI, PP. *Mensagem para 43o Dia Mundial das Comunicações Sociais*. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html. Acesso em: 07 mai. 2024.

_____. *Silêncio e palavra: caminho de evangelização*. São Paulo: Paulus, 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2a impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CASTELLAZZI, V. L. *Ascoltarsi, ascoltare: le vie dell'incontro e del dialogo*. Roma: Edizione Magi, 2011.

CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M. Escuta sensível. O que é? Escuta sensível em diferentes contextos laborais. In: CERQUEIRA, T. C. S. (Org.). *(Con)Textos em escuta sensível*. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 15-52.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2024: texto-base*. Brasília: CNBB, 2023.

FACHADA, M. O. *Psicologia das relações interpessoais*. Lisboa: Rumo, 1991.

FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. *Êxodo 15,22-18,27*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FRANCISCO, PP. *A teologia depois da Veritatis Gaudium no contexto do mediterrâneo*. Vaticano, 21 jun. 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190621_teologia-napoli.html. Acesso em: 03 mai. 2024.

_____. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit: para os jovens e para todos o povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. *Regina Coeli*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2024/documents/20240505-regina-caeli.html>. Acesso em: 08 mai. 2024.

JUNIOR, N. B. *A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus, 2014.

LE BRETON, D. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.

LOPEZ, F. G. *O Deuteronômio: uma lei pregada*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, A. B. *Pensar com os sentimentos: razão, escuta, diálogo, corpo e liberdade*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia/Única, 2014.

QUIRINO, A. T. *Teologia da escuta: Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã*. Rio de Janeiro, 2022. 287p. Tese (Doutorado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

RODRIGUEZ, R. M. M. La escucha desde la psicoterapia. *Revista CLAR*, ano XLVIII, n. 1, enero/marzo 2010.

ROGERS, C. R. *Un modo di essere*. Milano: Giunti Editore, 2012.

SIMÕES, E. A. Q.; TIEDEMANN, K. B. *Psicologia da percepção*. São Paulo: EPU, 1985.

WULF, C. *Traité d'anthropologie historique*. Paris: L'Hamttan, 2002.

ZARATIN, T. N. *Comunicação verbal, educação vocal: o teatro, fonte e apoio*. São Paulo: Paulus, 2010.

Artigo recebido em 15/05/2024 e aprovado para publicação em 17/06/2024

Como citar:

QUIRINO, Ademilson Tadeu. Escuta e amizade: binômio necessário para relações humanas. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 45-57, jan./jun. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i45-2024-3>